

# SEARA NOVA. DISSIDÊNCIA DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

## *Seara Nova. Dissidence of José Rodrigues Miguéis*

TERESA MARTINS MARQUES

*tmartinsmarques@gmail.com*

*Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, PEN Clube Português*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8361-0773>

DOI

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-7\\_2](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-7_2)

*Texto recebido em / Text submitted on: 06/10/2020*

*Texto aprovado em / Text approved on: 09/03/2021*

**Biblos.** Número 7, 2021 • 3.<sup>a</sup> Série

pp. 39-50

**RESUMO.**

A polémica mais importante da vida de José Rodrigues Miguéis decorreu em 1930 e centrou-se à volta do conceito de revolução da Geração de 70, a partir de um artigo de Castelo Branco Chaves, ex-monárquico que fora levado para a *Seara Nova* por António Sérgio. Nela intervieram também Jaime Cortesão, Raul Proença e Câmara Reys. Miguéis não se identifica com o reformismo ideológico da *Seara Nova* e aqueles intelectuais não se identificam com as suas ideias revolucionárias. Esta polémica revela, de forma cabal, a dissidência de Miguéis relativamente ao ideário da *Seara Nova*.

**Palavras-chave:** Revolução; Reformismo; *Seara Nova*; António Sérgio; José Rodrigues Miguéis.

**ABSTRACT.**

The most important controversy in the life of José Rodrigues Miguéis took place in 1930 and centered around the concept of the revolution of the 70's Generation, based on an article by Castelo Branco Chaves, a former monarch who was taken to *Seara Nova* by António Sérgio. Jaime Cortesão, Raul Proença and Câmara Reys also took part in it. Miguéis does not identify with *Seara Nova's* ideological reformism and those intellectuals do not identify with its revolutionary ideas. This controversy fully reveals the dissent of Miguéis regarding the ideas of *Seara Nova*.

**Keywords:** Revolution; Reformism; *Seara Nova*; António Sérgio; José Rodrigues Miguéis.

É hoje pouco conhecida a polémica que em 1930 teve lugar nas páginas da *Seara Nova*, envolvendo Castelo Branco Chaves, Raul Proença, Jaime Cortesão, Câmara Reys, António Sérgio e José Rodrigues Miguéis, pese embora a sua grande importância para o estudo da história das mentalidades, nos primeiros anos do Estado Novo.

Castelo Branco Chaves publicou naquela revista, a 20 de Março de 1930, um artigo intitulado “O conceito da revolução em Eça de Queiroz”. Nesse artigo defendia que a Geração de 70 fora “das raras ‘elites’ revolucionárias que Portugal possuiu, e das que mais nobre e persistentemente tentou empreender a reforma da mentalidade e dos costumes nacionais” (Chaves, 1930a: 201). O artigo concluía que o fim superiormente revolucionário da obra de Eça de Queirós seria a transformação das mentalidades, cultivando-as, e a regeneração dos caracteres, melhorando-os. Este texto não deixava de ter uma função pedagógica e teorizante, ou, pelo menos, assim foi lido pelo jovem José Rodrigues Miguéis, já então licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (1924) e que ao tempo residia na Bélgica, onde frequentava o curso de Ciências Pedagógicas, na Universidade Livre de Bruxelas. Aí contacta com os socialistas belgas, toma conhecimento com a experiência trabalhista inglesa, apercebe-se da ameaça fascista e convive com os exilados russos. Distanciando-se do ideário seareiro, que considera inoperante, reage contra o artigo de Castelo Branco Chaves em dois artigos intitulados “Sôbre os fins e a coragem nos meios de actuar” (Miguéis, 1930a). Apresenta uma interpretação radicalmente diferente, defendendo que a Geração de 70 esteve longe de atingir o objectivo da transformação das mentalidades. O jovem Miguéis ataca a ineficácia dos meios preconizados pela *Seara Nova*, desajustados do seu ideário político. Esta radical posição migueisiana resulta, em grande parte, da decepção e ingenuidade dos seareiros, ao longo da década de 20, relativamente ao advento do fascismo. Ingenuidade que o jovem Miguéis manifestava, em Março de 1926, a escassos dois meses do golpe de 28 de Maio, ao escrever n’*A Batalha*: “O perigo fascista é um facto, mas não em Portugal. Entre nós é impalpável, imponderável, é um perigo moral” (Miguéis, in Alves, 1995: 301). A história encarregar-se-ia de lhe desmentir o vaticínio. O fracasso do golpe de 1927, no qual Miguéis também esteve

directamente empenhado, ao lado dos seareiros, teria necessariamente de o fazer duvidar da eficácia dos meios reformistas, projectando-o para a defesa de outros meios revolucionários que, em sua opinião, justificariam os fins. Vejamos a sua argumentação no primeiro artigo:

Se o Sr. C. B. C. perguntasse aos componentes da SEARA NOVA se eles entendem que a República teria sido possível sem a revolução de 3 a 5 de Outubro de 1910, as respostas divergiriam talvez em aspectos de pormenor, – mas o que alguns não poderiam negar é que se bateram, então e depois, para implantar e salvar a democracia em Portugal. Aí os tem o senhor envoltos na condenação e no fumo do charuto do Ramalho! Todos lhe responderiam que os métodos dialéticos, a propaganda pela persuasão, a discussão libérrima, são em todo o caso preferíveis; mas que antes foi necessário partir as cadeias e os duros golpes que impediam a consciência democrática de se manifestar. / *Êsse é que é o ponto importante.* / Por mim, não receio as contradições de que possam acusar-me. Entre a ideia de furar uma rocha e o meio ou o acto de a furar, vai um abismo. Ponhamo-nos todos – os idealistas, – em frente da rocha, a pensar que é preciso e útil fazer-lhe um furo, e digam-me se é possível admitir que a rocha, sob o esforço apenas da nossa ideação, se abrirá de lado a lado, a menos que a ideação passe a alucinação, se produza um milagre e nos ponhamos todos a gritar que a rocha se furou [...]. (Miguéis, 1930a: 60)

E ainda nesta página: “Os meios de actuar, os instrumentos, a acção são o prolongamento necessário das ideias. Quem aplaude estas e recusa aquelas, ou mente ao seu idealismo por inconsciência e estupidez, ou anda a embalar os outros e a deitar-lhes poeira nos olhos”.

No segundo artigo, o jovem Miguéis reforça a sua posição sob o signo da ironia: “O que leva à falência muitos intelectuais é a sua falta de coragem, e de serenidade perante os acontecimentos, a sua obstinada crença na eficácia das ideias agindo como ideias, e não como instituições [...]. A persuasão pela lógica, pelos argumentos ou pela expressão pura e simples das ideias, não passa dum sonho, embora delicioso” (Miguéis, 1930a: 87).

Miguéis pergunta:

Que é pois a revolução? [...] Consiste em produzir ensaios e artigos modelares, de estilo apimentado e com recorte elegante, em pronunciar conferências modelares que implicam risonhamente com a moral burguesa, – e em ir para casa – lido o *Figaro* e o *vient-de-paraitre*, de chinelos, no agasalho confortável de um lar burguês, esperar que o mangerico da revolução cresça cá fora, dê cheiro e floresça. (Miguéis, 1930a: 90)

Em resposta a estes artigos, a direcção da *Seara Nova* faz publicar, a 30 de Outubro, uma nota assinada por António Sérgio, Jaime Cortesão e Raul Proença (Sérgio; Cortesão; Proença, 1930: 115), expressando o seu apoio a Castelo Branco Chaves e demarcando-se das posições de José Rodrigues Miguéis. António Sérgio responderá ainda com os artigos “Sociedade e espírito, acção política e sinceridade intelectual” e “Sobre uma crise de consciência”, em 25 e 29 de Dezembro. Na referida nota colectiva, podemos ler:

Surpreendeu-nos o artigo em que o nosso querido amigo e camarada de luta Rodrigues Miguéis (cujo espírito é de ordinário tão penetrante e generoso) aprecia um anterior de Castelo Branco Chaves sobre *O Conceito de Revolução em Eça de Queirós* [...]. Por se tratar de um ponto doutrinário de capitalíssima importância, onde o mais pequeno mal-entendido poderia levar os nossos leitores a uma radical incompreensão das ideias da *Seara Nova*, parece-nos conveniente declarar que o pensamento social e político apresentado por Castelo Branco Chaves no seu artigo sobre Queirós concorda de maneira completa com as concepções de democracia que sempre defendemos na nossa revista, Consiste em produzir ensaios e artigos modelares, de estilo apimentado e com recorte elegante, – o que só por lapso de atenção não foi visto por Rodrigues Miguéis. (Sérgio; Cortesão; Proença, 1930: 115)

E para maior clarificação da sua posição os subscritores aduzem:

Foi sempre uma ideia básica, defendida por todos nós, a da necessidade absoluta de vastos movimentos de opinião pública, de prévios estudos de problemas concretos, de um esforço paciente para *persuadir*. [...] Nem vemos que estes princípios impliquem em si a condenação total de certos métodos inevitáveis de luta, quando determinadas circunstâncias os imponham imperiosamente. (Sérgio; Cortesão; Proença, 1930: 115)

José Rodrigues Miguéis não recusa a via revolucionária para a transformação social, enquanto o ideário seareiro assenta basicamente na ideia reformista de revolução, pela evolução das mentalidades. Mas o que não deixa de ser curioso é que esta nota dos seareiros não exclui os outros “métodos inevitáveis de luta”, até mesmo porque os que escreviam estas palavras encontravam-se exilados, justamente por terem participado, com tais “métodos inevitáveis de luta”, na fracassada revolução de 3 a 7 de Fevereiro de 1927. E mais ambígua se torna esta polémica no plano ideológico, quando deparamos com a seguinte afirmação, pela pena de António Sérgio, no seu primeiro artigo: “Os grandes homens da geração de Antero, ao que se me afigura, não deixaram para a *construção* [social] uma ideia concreta que se aproveitasse. O que nos não impede, claríssimo está, de admirarmos enormissimamente os valores literários que nos deixaram” (Sérgio, 1930a: 213). Estas palavras de António Sérgio são bem mais radicais sobre a Geração de 70 do que as que José Rodrigues Miguéis expressa no *incipit* do seu primeiro artigo:

Longe de mim a ideia de fazer a crítica ou a pesagem dos valores duma geração, considerada nela mesma e no seu tempo, ou o intuito de revoltar quem quer que seja contra o prestígio mental de um grupo de homens a cuja coragem de pensar (e afirmar) alguma coisa devemos [...]. Desde já fica portanto assente que não venho discutir Antero ou os seus contemporâneos, nem o mérito pessoal ou literário dos homens da grande geração, nem tampouco censurá-los, porque, coitados, não souberam endireitar o mundo, pondo-o à imagem do seu idealismo, – isto é, fazendo o que mesmo os homens de hoje ainda não sabem fazer... As minhas intenções são infinitamente mais modestas e actuais. Aceito os homens como eles

foram ou se nos mostram, e como as circunstâncias os forçaram a ser, com erros e virtudes, divergências, incapacidades e apostasias; não como o faria um seu contemporâneo, – mas com os olhos do meu tempo, uma certa noção de perspectiva e um sincero desejo de me libertar das “lições do passado”, dos “exemplos da História”, dos “mestres do pensamento” [...]. (Miguéis, 1930a: 58)

Não agradou certamente a António Sérgio a rejeição dos “mestres do pensamento” por parte do jovem Miguéis. Porventura para se redimir do tom paternalista, cinco anos depois desta polémica, o mestre escreveu: “Miguéis é um espírito rico, variado, insinuante, fino e o ma[i]s admirável dos oradores que jamais ouvi na nossa língua” (Sérgio, 1935: 7). Nesta polémica, todavia, não manifesta qualquer admiração por ele e mantém, sarcasticamente, as distâncias:

A juventude – essa aurora breve, – é por natureza impaciente e fêrvida, um pouco dada à megalomania, grande amadora de soluções teatrais. Às vezes, inconsciente das injustiças que faz, se os acasos da vida ou de um mau encontro a tornam insensível a uma nobre amizade, à beleza insinuante das maneiras cultas, ao aprêço exacto dos valores do espírito. [...] Tem tôdas as graças da adolescência tórrida a prosa caricatural dêste jovem crítico, que nos está instruindo na SEARA NOVA sôbre o dever social dos “intelectuais”. Não sei que alegam em sua defesa os membros restantes da “Intelectualidade”. Eu vejo-me forçado a responder por mim, – o que faço, aliás, de *mui mala gana*, porque estou cheinho de ocupações. (Sérgio, 1930a: 211)

Seria interessante analisar este parágrafo de um ponto de vista psicanalítico, mas não é esse o enfoque do meu texto. Direi apenas que as sergianas palavras não tiveram em grande conta, ou então o seu autor já esquecera, que o jovem Miguéis fora um dos que saíram à rua para defender literalmente a pele do Mestre, quando, em 1924, Sérgio foi alvo de um ataque dos integralistas contra a sua conferência sobre o século XVI, à saída do São Luís, conforme refere Ana Maria Alves, no ensaio “Miguéis Seareiro” (Alves, 1995:

290). Esquecendo nós agora esse esquecimento de Sérgio, vejamos o que este reforçou no artigo de 25 de Dezembro de 1930:

Eu nunca sonhei em actuar com pressa, – demagógica –, milagreira e instantâneamente, porque nunca até hoje me supus um Deus. Uma *verdadeira* Revolução num povo – um acréscimo *assegurado* de emancipação humana – é trabalho complexo para um constante esforço, que só é possível levar a cabo quando haja gente já educada e numerosos técnicos realizadores. Se eu fôsse um Deus, capaz de efectuar uma Revolução sòzinho (dispensando o auxílio dêsses mesmos técnicos e os dotes realizadores desse mesmo povo) seguiria logo o parecer do crítico: atirar-me-hia apressadamente à “condução harmoniosa das massas” (se elas fôsem tão crentes e tão maviosas que se deixassem conduzir por conduções totais); as massas, conduzidas por mim, pôr-me hiam num trono ou num altar; e eu, sendo um Deus, realizaria o milagre da multiplicação dos pães. (Sérgio, 1930a: 211)

António Sérgio reforçou que o modelo para a transformação social defendido pelos seareiros era a via reformista, a via da longa paciência. Miguéis sobreviveu seis anos à Revolução dos Cravos, mas a sua adesão moderada também não foi a que muitos esperavam. O ponto essencial da divergência de Sérgio foi claramente explicitado no seu segundo artigo, referindo que o jovem vinha defendendo opiniões bolchevistas e que, no fundo, seria esse o verdadeiro pomo da discórdia. Ora, é o próprio Sérgio que faz notar que tais opiniões em Miguéis eram mera táctica política para derrubar o regime em Portugal e não propriamente a crença no sistema soviético. Esta intuição sergiana foi amplamente confirmada aquando da publicação, em 1971, do romance de Miguéis *Nikalai! Nikalai!*, onde se faz o retrato satírico da comunidade russa na Bélgica, esperando “Nikalai” (Nicolau II), o czar salvador, mas onde se faz igualmente a crítica ao bolchevismo e em particular ao estalinismo, adiantando muitos argumentos que só a partir da década de 80 seriam amplamente confirmados, relativamente aos regimes de Leste. António Sérgio termina este segundo artigo da *Seara Nova* no tom em que começou o primeiro:

O caso de Rodrigues Miguéis é conhecidíssimo em psicologia. O nobre moço, neste momento, passa por uma crise de orientação moral: e fabrica agora doutrinas vagas, explicações confusas, teorias complexas que justifiquem *a posteriori* ao seu próprio espírito o que a pura consciência lhe não quer admitir. Por isso êle, que era tão claro, não escreve senão confusões. (Sérgio, 1930b: 233)

O tópico das “confusões mentais” está também presente na linha argumentativa de Castelo Branco Chaves, o qual publicou, a 13 de Novembro, uma carta de resposta a Miguéis, onde declara, desde logo, que, apesar de lhe reconhecer uma inteligência lúcida, o seu interlocutor não percebeu nem o artigo, nem a doutrina da *Seara Nova*, acusando-o de pretender falar em nome dela, repisando a crítica já feita por António Sérgio (Chaves, 1930b: 148-149). Castelo Branco Chaves defende-se dizendo que se limitou a expor o conceito de revolução em Eça e que escreveu um artigo de crítica e não um artigo de fundo, e que, caso Miguéis achasse que esse conceito não era o de Queirós, só nesse caso poderia assacar-lhe responsabilidades. Neste particular, Castelo Branco Chaves não deixa de ter razão. Defende-se ainda das insinuações que o jovem lhe fizera sobre o seu passado monárquico, mas declara que não leva Miguéis demasiado a sério. Considera que os artigos do adversário são fruto de um delírio passageiro.

Para justificar o facto de só em Setembro responder a um artigo de Março, Miguéis escreveu em nota de rodapé: “O artigo chegou-me com grande atraso a Bruxelas, surpreendendo-me doente; só agora me é possível organizar as ideas que dêle fiquei formando” (Miguéis, 1930a: 60). Vejamos como Castelo Branco Chaves utiliza demagogicamente este pormenor do rodapé, aludindo aos processos da Inquisição:

Se não fôssem, como foram, o explicável resultado de um delírio passageiro ou talvez ainda restos da doença a que V. Ex<sup>a</sup> alude, os seus artigos manifestariam uma sobrevivência de “espírito cristão-velho” em democrata tão apurado, tão estreme, espírito êste que o leva, Ex.<sup>mo</sup> Senhor, a ver no pobre de mim aquela heresia viva que os de sangue puro e limpo descobriam

sempre nos cristãos-novos, quando mais não fôsse, senão por serem novos.  
(Chaves, 1930b: 148)

Não seria esperável que José Rodrigues Miguéis se mantivesse na *Seara Nova* depois de ler estas referências à sua confusão mental, de forma tão deslegante e descabida, sem que as suas ideias se vissem cabalmente rebatidas no plano ideológico. Envia, pois, a Câmara Reys uma carta, que saiu no mesmo número em que António Sérgio põe em dúvida as suas capacidades mentais, e, sem baixar o nível, mas com ironia, termina vincando a sua dissensão:

A solidariedade mais do que justa que a revista deve a Castelo Branco Chaves, põe-me na obrigação de apressar a minha partida, evitando a continuação do mal-entendido. Já não pedirei por isso à SEARA NOVA a hospitalidade para o meu terceiro e último artigo da série; seria desairoso, não lhe parece? continuar a chamar ao meu herético altar os fieis dum outro culto... (Miguéis, 1930b: 231)

Câmara Reys encerra a polémica, nesse número, com uma nota em que salienta a inteligência, carácter e cultura de José Rodrigues Miguéis, não esquecendo o trabalho realizado pelo futuro autor de *Páscoa feliz*, ao longo de oito anos, revelando a sua extrema dedicação à *Seara Nova* (Reys, 1930: 233).

A vertente polemista do escritor é visível na sua relação ambivalente de amor-desamor para com a Pátria, nomeadamente na matéria ficcional de *Uma aventura inquietante* (Miguéis, 1995: 9), onde se nos depara um português residente em Bruxelas, que, depois de se referir a esta nossa terra “abençoada para a proliferação de filósofos e nabos”, onde paira a sombra cáustica da polémica da *Seara Nova*, acaba revelando a sua “gastronostalgia” diante de uma sopa de nabos com feijão branco à portuguesa.

Miguéis bebeu o ar do tempo, mas expirou-o reciclado pelo seu próprio talento individual. Os rótulos não lhe assentam bem, nem na vida privada, nem na obra, e muito menos no perfil ideológico, que, ao longo dos anos, revela o seu espírito libérrimo. Em plena primavera marcelista, a 30 de Dezembro de 1969, defende, em carta para David Ferreira, que a solução para Portugal está

na criação de uma democracia parlamentar, no pluripartidarismo, nos grandes debates ideológicos, considerando a opinião pública como um Quarto Poder do Estado, que é necessário criar, cultivar, retomando o ideário da primitiva *Seara Nova* (Almeida; Rêgo, 2001: 87). Ainda em 18 de Julho de 1978, dirá a David Ferreira: “Tu e eu somos, ao que suponho, os derradeiros moicanos (ou abencerragens) da Velha *Seara Nova* – e ainda não dissemos tudo a seu respeito!” (Marques, 1993: 136). Aos setenta e sete anos, o escritor faz-nos ainda lembrar o jovem Miguéis, pelo espírito de missão que continua a revelar no seu discurso escrito. A sua obra literária realizará essa missão, mas vai muito para além dela, enquanto objecto estético, o que se torna particularmente visível n’*O milagre segundo Salomé*, livro impublicável antes da Revolução de Abril, mas que é recebido, em 1975, com um quase total silêncio crítico. É a sua viúva Camille Miguéis quem nos diz que, em consequência deste silêncio, passou a ser designado familiarmente como “o livro fantasma”. Após a publicação do romance, Miguéis confidencia em carta de Novembro de 1975 a David Ferreira:

E o silêncio a respeito dos meus livros, que normalmente não me apoquentam, agora irrita-me pelo que tem de boicote – e de crassa ignorância. Se leres o *Milagre* verás qual é o escopo deste livro e o que ele encerra de diferente e até de novo no seu realismo (poético, ético, satírico, reformista). É possível que não concordes com tudo, mas esse é o romance de um seareiro da escola original. (inérita, Espólio de David Mourão-Ferreira, BNP)

A obra migueisiana problematiza constantes universais, tais como a história e a memória, os valores cívicos, a defesa da liberdade, o amor, a paixão, mas também o remorso e a angústia caldeados com fino humor e sátira por vezes coruscante. A escrita límpida, inteligente e polemicamente cáustica continua a despertar interesse nos leitores de todas as idades, revelando uma aguda consciência do papel do escritor e a intransigente defesa da liberdade de opinião, conforme lemos em *O espelho poliédrico* (1972): “A melhor maneira de ser igual aos outros não é ser como eles, mas ser diferente: é sermos nós-mesmos até ao limite. O que torna os homens iguais é o direito a serem diversos” (Miguéis, 1996: 377).

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Onésimo Teotónio; Rêgo, Manuela (2001). *José Rodrigues Miguéis. Catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Alves, Ana Maria (1995). Miguéis seareiro. In José Rodrigues Miguéis, *O pão não cai do Céu*. Ed. Teresa Martins Marques (277-319). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Chaves, Castelo Branco (1930a). O conceito da revolução em Eça de Queiroz. In *Seara Nova*, 20-03-1930, 201-203.
- (1930b). Carta ao Ex.mo Sr. José Miguéis. *Seara Nova*, 13-11-1930, 148-149.
- Marques, Teresa Martins (1993). José Rodrigues Miguéis: da reconstituição de um mundo. Apresentação e notas a duas cartas inéditas de José Rodrigues Miguéis para David Ferreira. *Colóquio. Letras*, 129-130, 130-151.
- Miguéis, José Rodrigues (1930a). Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar. *Seara Nova*, 220, 18-09-1930, 58-61; 222, 2-10-1930, 87-90.
- (1930b). Uma carta. *Seara Nova*, 29-12-1930, 228-231.
- (1995). *Uma aventura inquietante*. Ed. Teresa Martins Marques. Lisboa: Círculo de Leitores [1.ª ed. 1958].
- (1971). *Nikalai! Nikalai!*. Lisboa: Estúdios Cor [1.ª ed.].
- (1972). *O espelho poliédrico*. Lisboa: Estúdios Cor [1.ª ed.].
- (1995). *O espelho poliédrico*. Ed. Teresa Martins Marques. Lisboa: Círculo de Leitores [1972].
- (1975). *O milagre segundo Salomé*. Lisboa: Estúdios Cor [1.ª ed.].
- (1981). *O pão não cai do Céu*. Lisboa: Estampa [1.ª ed.].
- Reys, Câmara (1930). José Miguéis. *Seara Nova*, 29-12-1930, 233.
- Sérgio, António (1930a). Sociedade e espírito, acção política e sinceridade intelectual. *Seara Nova*, 25-12-1930, 211-215.
- (1930b). Sôbre uma crise de consciência. *Seara Nova*, 29-12-1930, 232-233.
- (1935). Antonio Sergio num brilhante depoimento afirma que “Presença” é um factor importante da literatura do futuro. *Diário de Lisboa*, 05-04-1935, 7.
- Sérgio, António; Cortesão, Jaime; Proença, Raul (1930). A *Seara Nova* e o conceito de revolução. *Seara Nova*, 30-10-1930, 115.

## DOCUMENTAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Espólio de David Mourão-Ferreira, Biblioteca Nacional de Portugal.

[texto escrito no antigo acordo]